



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE- UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES
ÉTNICO-RACIAIS- TURMA III

**O SARAU LITERÁRIO: POSSIBILIDADE DE UMA EDUCAÇÃO PARA A
DIVERSIDADE**

Thaises Carla Guedes Fernandes Dutra

Campina Grande, 2018.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE- UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES
ÉTNICO-RACIAIS- TURMA III

**O SARAU LITERÁRIO: POSSIBILIDADE DE UMA EDUCAÇÃO PARA A
DIVERSIDADE**

Artigo de Conclusão da Especialização em Educação para as Relações Étnico- Raciais apresentado sob orientação do professor Ms. Ariosvalber Medeiros como parte do requisito para conclusão deste curso.

Campina Grande, 2018.



Biblioteca Setorial do CDSA. Maio de 2025.

Sumé - PB

FOLHA DE AVALIAÇÃO

O SARAU LITERÁRIO: POSSIBILIDADE DE UMA EDUCAÇÃO PARA A DIVERSIDADE

EXAMINADORES:

Orientador: Profº. Ms. Ariosvalber

Primeiro Examinador: Profª Ms. Ivone Agra Brandão

Segundo Examinador: Profª Ms. Morgana de Medeiros Farias

Avaliação da Produção do Trabalho: 9,5

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele ou por sua origem, ou sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender. E se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar, pois o amor chega mais naturalmente ao coração humano do que o seu oposto. A bondade humana é uma chama que pode ser oculta, jamais extinta.”

Nelson Mandela

O SARAU LITERÁRIO: POSSIBILIDADE DE UMA EDUCAÇÃO PARA A DIVERSIDADE

RESUMO

O presente relato propõe-se a expor uma experiência vivenciada a partir do Sarau Literário "Por uma Cultura Antirracista" que tem por objetivos promover possibilidades pedagógicas de educação que priorizem o espírito de diversidade. Além de levar ao aluno práticas de leitura e escrita que o insira na sociedade, tendo em vista que, em sua maioria, a leitura fornecida no processo de formação discente não atrai intensamente a atenção do nosso alunado e que a escrita tem se tornado algo distante no cotidiano escolar, seja pelas disposições tecnológicas que surgem ou pela falta de prática e incentivo do corpo docente e/ou discente. A questão problema que norteia nossa pesquisa é como um sarau pode promover uma cultura antirracista na escola? A metodologia empregada organiza-se a partir da análise dos textos base que utilizamos como fonte para elaboração do cerimonial, além de entrevistas respondidas pela comunidade escolar posteriormente, que refletiu numa possibilidade pedagógica de educação para diversidade. Lançamos mão das contribuições referenciais de Colomer (2007), Cosson (2016), Santos (2013), entre outros que nos forneceram várias reflexões em meio à implementação da literatura afro-brasileira em sala de aula a partir do incentivo à ponderação temática e, conseqüentemente, à prática de leitura e escrita em sala de aula.

Palavras-Chave: Cultura Antirracista; Leitura e Escrita; Sarau Literário; Literatura Afro-brasileira.

ABSTRACT

The present report proposes to present a lived experience from the Sarau Literário "For an Anti-Racist Culture" whose objective is to promote pedagogical possibilities of education that prioritize the spirit of diversity. In addition to taking to the student reading and writing practices that insert him in society, given that, for the most part, the reading provided in the process of student training does not attract the attention of our student intensely and that writing has become something far in the daily school life, either due to the technological dispositions that arise or the lack of practice and encouragement of the faculty and / or student. The problem question that guides our research is how can a university promote an antiracist culture in school? The methodology used is based on the analysis of the basic texts that we use as a source for the elaboration of ceremonial, in addition to interviews answered by the school community later, which reflected in a pedagogical possibility of education for diversity. We have used the reference contributions of Colomer (2007), Cosson (2016), Santos (2013), among

others, which provided us with several reflections in the midst of the implementation of Afro-Brazilian literature in the classroom, consequently, the practice of reading and writing in the classroom.

Keywords: Anti-Racist Culture; Reading and writing; Literary saurian; Afro-Brazilian Literature.

INTRODUÇÃO

Com a obrigatoriedade da inclusão do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nas instituições de ensino fundamental e médio - oficiais e particulares- por meio da Lei 10. 639, os livros didáticos, os planejamentos e, sobretudo, as práticas pedagógicas e metodológicas precisaram passar por um processo de reformulação e adaptação, pois, embora o povo afro-brasileiro faça parte da história política, econômica, cultural e social do nosso país, foi necessária a criação de uma lei para que a educação reconhecesse essa temática como indispensável na formação escolar de nossos educandos. Eis o que sugere a Lei:

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. (BRASIL, 2003, p.87).

A imagem da pessoa negra tem perpassado por um caminho diacrônico bastante espinhoso tendo em vista que, mesmo estando inserido naquele discurso que a escravidão é algo passado, que as marcas históricas foram vivenciadas outrora e que os afrodescendentes já conseguiram seu espaço na sociedade, ainda há muita luta pela frente. Sobretudo, se pensarmos na questão do preconceito que engloba não só a cor, mas a raça, a religião, a cultura e tantos outros aspectos que caracterizam esse povo. Assim, mesmo com a imposição da lei 10.369 que promove o ensino da história e da literatura afro-brasileira nas escolas, notamos que indubitavelmente o

racismo ainda faz parte do nosso cotidiano e que, em meio a todos esses aspectos, não se faz necessário apenas deixarmos de ser racistas, mas, principalmente promovermos uma cultura antirracista. Desse modo, e indo além do que “impõe” a lei, trabalhar essa temática em sala de aula é romper também com os estereótipos causadores do preconceito racial que é consequência de uma história mal narrada e que necessita de uma reescrita. Levando em consideração o que está sendo exposto devemos como professores, independente da área do conhecimento, levar essa contribuição histórica para o nosso alunado de modo a desmistificar o que ainda está chegando às escolas de maneira distorcida.

Nas minhas experiências como discente da disciplina de Língua Portuguesa¹ realizei uma intervenção por meio de um sarau literário² que se organiza através de uma formação da ideia interdisciplinar que teve o intuito de resgatar, por meio da poesia, teatro, dança e da música os valores intelectuais, históricos e estruturais a partir de temas que foram abordados mediante os estudos feitos ao longo da preparação e das explanações por ocasião do evento.

Atividades práticas como essa, referindo-nos ao sarau literário, faz com que o indivíduo reconheça na literatura, por exemplo, o papel integrador que é capaz de superar os abismos existentes entre a arte e a vida apresentando testemunhos que registram em si mesmos as mudanças que se operam no mundo por meio da imaginação artística. Desse modo, os alunos foram protagonistas do evento e tiveram a oportunidade de interagir a partir daquilo que leram, escreveram e analisaram, além de tomarem nota, refletirem, criticarem e se emocionarem. Esse processo possibilita que as experiências da leitura, da declamação e da dramaturgia, por exemplo, evoquem vivências pessoais e lhes proporcionem a reflexão sobre a própria identidade.

Assim sendo, a compreensão que sugere uma proposta de cultura antirracista foi o ponto de partida para uma reflexão que vai do ambiente escolar para além dele. Desse modo, para o ensino de português - leia-se, sobretudo, no âmbito da literatura

¹ Licenciada em Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Campina Grande; Professora atuante na disciplina de português no município de Barra de São Miguel- PB.

² Evento organizado a partir de atividades demonstrativas que incluem escritas e oralidade num processo de letramento, no qual a literatura é apresentada como um instrumento de construção dos mais variados conhecimentos e interação entre as diversas áreas curriculares da Escola.

- a temática em questão traz um sentido profundo graças às contribuições que um evento desse porte traz para a construção pessoal do nosso aluno, no qual a Literatura torna-se majestosa por transformar sujeitos ocultos em autores/protagonistas de suas experiências de leitura, produções literárias e, principalmente, reflexões históricas.

Nesse percurso, toda produção artística está interligada com o tempo, com a história e a cultura de um povo, reforçada pelos Parâmetros curriculares Nacionais (PCNs, p.47), do Ensino Fundamental que afirma: “Os objetivos propostos concretizam as intenções educativas em termos de capacidades que devem ser desenvolvidas pelos alunos ao longo da escolaridade”. Eis que aqui citamos um dos principais objetivos deste trabalho, a saber, propor atividades que instiguem os educandos numa prática escolar que transponha os muros físicos e seja articulada com as experiências culturais que muitas vezes está totalmente distante da comunidade.

A esse respeito, lançamos mão do dizer de Paulo Freire (1999) quando afirma que sua impressão é que a escola está aumentando a distância entre as palavras que lemos e o mundo em que vivemos. Assim, como formadores de opiniões não podemos nos restringir apenas ao pedagógico ou meramente ao que está imposto pelas coordenações das escolas, ao passo que, muitas vezes, estas impõem obstáculos quando propomos atividades dessa natureza. Surge, então, a prática de sarau, os quais, por existirem, como prática da oralidade e letramento sempre foi muito benquisto nas comunidades escolares que dele faz uso. E, especialmente, no sarau “Por uma Cultura Antirracista” pudemos observar que essa interface entre a experiência da leitura e escrita em paralelo à literatura afro-brasileira nos permitiu esse “ir além” do muro escolar.

A LITERATURA COMO INCENTIVADORA DO PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA

É notável, em nossas vivências cotidianas de docentes, nos depararmos com determinados temas, áreas ou assuntos que causam impacto em relação ao modo como pretendemos levá-los para a sala de aula. Consoante Souza (2007), o uso de bons recursos didáticos que facilitem o desempenho docente é sempre intencionado.

Entretanto, nem sempre essas dificuldades ou resistências partem da falta de recursos e/ou de materiais didáticos, mas, sobretudo, da maneira com a qual levaremos para a experiência docente e, muito além, como o aluno as recepciona.

Como professora de língua portuguesa e de modo bastante particular sempre me via nesse rito de sofrimento por antecipação, analisando como e através de que eu deveria trabalhar a literatura em sala de aula tendo em vista que, em sua maioria, essa área da língua é vista de forma marginalizada, enfadonha e desagradável por parte de alguns alunos e professores. Esse fator eleva-se, também, no campo histórico se levarmos em consideração que, a respeito das colaborações de Zilberman (2008), há uma crise no ensino de literatura, ao passo que na maioria das situações pedagógicas este ensino perdeu a eficácia pretendida pela classe burguesa, em decorrência do projeto educacional elaborado nas últimas décadas do século XX, o qual pensava a escola como instituição formadora de mão de obra para abastecer novos postos de trabalho relacionados ao processo de industrialização. A autora completa que um dos sintomas dessa “crise” é a falta de leitura por parte dos estudantes e seu desconhecimento do patrimônio literário nacional, o que evoca num esvaziamento de sentido para com as aulas de literatura.

Essa experiência também está refletida na minha vivência enquanto aluna do ensino básico, uma vez que só tive contato com o estudo literário no ensino médio e nessa fase as aulas de literatura realmente eram organizadas nessa estrutura citada anteriormente - enfadonha e desagradável. No Ensino Médio, em geral, as propostas para o ensino da literatura se apresentam como conteúdo necessário e obrigatório do currículo escolar, como recurso para trabalhar os conteúdos de língua portuguesa ou com base em cronologias das escolas literárias, suas características e autores, desprezando as relações estabelecidas entre o leitor e seu aspecto sensível (RANKE; MAGALHÃES, 2011).

Muito mais complexo é se relacionarmos o ensino de literatura com a prática de leitura, vamos notar, por exemplo, que o problema poderá estar na raiz do processo de ensino e aprendizagem – (não) hábito da leitura. Não há como se trabalhar literatura sem ler, há? E para aqueles alunos que preconceituosamente já eram estereotipados pelos professores por não gostarem de ler? Pois bem, como trabalhar a literatura, seja ela através de poesia, cordel, música, conto, romance ou qualquer

outro gênero com um "público" que não possui hábito de leitura? Essa busca pelo melhor método de ensino da literatura vem sendo discutida sincronicamente. A esse respeito, podemos destacar:

Nas últimas quatro décadas, tem havido uma intensa discussão sobre literatura e educação e uma crítica ferrenha às práticas escolares de (não) leituras literárias. Ao contrário do ensino de língua — que, aos poucos, vai se renovando —, a literatura na escola resiste às mudanças e se vê relegada a lugar secundário e sem força na formação das crianças, dos adolescentes e dos jovens. (DALVI, 2013, p. 7, 2013).

Quando já aluna da Academia, mais especificamente do curso de Licenciatura em Letras Português na UFCG, comecei a notar, através do estudo da literatura, ideias e possibilidades distintas para o trabalho com a prática do ensino da literatura em sala de aula e passei a entender que ela instiga, excita e é um instrumento valioso de atitude e poder (EAGLETON, 2003). Para isso, acreditamos que devemos levar em consideração as experiências e os gostos prévios de "leitura" que o aluno traz consigo para depois entrarmos com a nossa proposta de leitura. Assim, fugiríamos desse modo pragmático de ensinar literatura e levaríamos em consideração o conhecimento de mundo do aluno conferindo ao ato de ler um sentido educativo e também de formação pessoal. A esse respeito é preciso, portanto, que o discente seja convidado à leitura³ não apenas como um ritual de dever em que na maioria das vezes vá refletir em notas e avaliações distintas, assim como, é preciso ter cautela na escolha dessa leitura inicial para que não haja espanto automático desde a espessura do livro até a uma narrativa distante da sua vivência de mundo. Em seu ensaio sobre leitura, Pennac (1998, p.80) propõe questionamentos, reflexões e confissões: "E se em vez de exigir a leitura, o professor decidisse de repente partilhar sua própria felicidade de ler? [...]"

³ Teresa Colomer trata disso, em seu texto *Andar entre livros: a leitura literária na Escola*, no momento em que propõe a quem deseja trabalhar com leitura em sala de aula a elaboração de um itinerário, de um caminho que permita levar às novas gerações as possibilidades de compreensão do mundo e da fruição da vida para as quais a literatura abre. Para isso, defende Michèle Petit em sua obra *Os jovens e a leitura*, faz-se necessária a presença do mediador enquanto aquele que desenvolve a função de demonstrar o papel da leitura no processo de constituição do sujeito, além de disseminar a paixão pela leitura às outras pessoas.

Questões que pressupõem um bem conhecido cair em si mesmo, na verdade!”.

Lançando mão do exposto acima, podemos afirmar que, se assim pensarmos, a literatura, através do sarau literário, possibilita levar o aluno para vivenciar experiências que vão além do que a escola exige, mas, sobretudo, numa proposta de formação pessoal, sobretudo, no que diz respeito ao sarau, propor essa formação para a diversidade em meio à reflexão.

UM EVENTO LITERÁRIO QUE PERPASSA O MURO ESCOLAR

Atualmente, muitas cidades da nossa região têm adotado eventos e feiras literárias que têm por propósito a integração das pessoas no e para o mundo poético quando em meio aos grandes e renomados escritores ganham espaço também os contadores, cantores e artistas em geral que, muitas vezes, vivem no anonimato.

Como exemplo dessa prática literária podemos citar a FLIBO - Feira Literária de Boqueirão/PB- que reúne pessoas, artistas, compositores, poetas entre tantas outras designações de pessoas das mais variadas esferas, apreciadores ou não da literatura no intuito simplesmente de conhecer, dialogar, contrapor e até mesmo encontrar habilidades literárias outrora desconhecidas. De certo modo, podemos inferir que essa é uma das práticas de inserção da sociedade no mundo literário e foi lançando mão dessa ideia que começamos a realizar o "Sarau Literário" da Escola Estadual Professora Isabel Ferreira em Equador- RN que desde 2012⁴ – ano da primeira edição do evento- vem crescendo e enfatizando temas diversos que tem resultado em muitas práticas inclusivas por meio da educação e da literatura. Em se tratando do envolvimento da escola, o evento conta com a participação dos alunos desde as séries iniciais do fundamental II até o nível médio, assim como a contribuição dos demais professores, trazendo para a escola o tão sonhado espírito de interdisciplinaridade proposto por teóricos estudiosos.

Desse modo, um dos objetivos do sarau, como evento literário, é que o

⁴ 1ª Edição: Centenário de Vinícius de Moraes- 2012;

2ª Edição: Modernismo no Brasil: Prosa e Poesia;

3ª Edição: Literatura *versus* Ditadura: As vozes além do cárcere;

4ª Edição: Drummond: Um voo poético;

5ª Edição: De torrão à pãozinho de açúcar: memória e identidade cultural de Equador;

6ª Edição: Por uma Cultura Antirracista: Recorte de poesia e música na sala de aula.

educando se encontre no mundo poético desenvolvendo artimanhas que se entrelaçam à música, à declamação de poemas e à encenação de peças teatrais, por exemplo, que em muitos casos já são práticas bem próximas da vida e do gosto dos alunos.

Esses projetos devem ter como ponto de partida as diversas manifestações das linguagens e seus significados, permitindo a compreensão de cada uma em função do espaço-tempo em que ocorrem, isto é, observando aspectos sociais, regionais e culturais que contextualizam sua presença na sociedade. As crianças e os jovens têm uma característica muito particular de produzir sentido em suas atividades. Envolvê-los nas práticas de ensino e de aprendizagem é uma das formas de alcançar o conhecimento. (UMBRASIL, 2016, p.32)

Assim, para materializar um evento deste é indispensável a discussão em sala de aula, levantando os interesses dos educandos em relação ao assunto. Além do que, também é preciso aproveitar os dons e conhecimentos prévios que os discentes trazem numa perspectiva de inserção deles na prática da leitura literária fazendo referência ao que Jauss e Iser (1994) entendem por “estética da recepção” uma vez que uma das maiores preocupações dessa teoria é a experiência e visão de mundo do leitor, ou seja, é preocupar-se com o que acontece com o leitor após a fruição da obra de arte. Ademais, estimular nosso aluno através do contato com a arte comunga com as experiências de encantamento na e para leitura se levarmos em consideração que o aprendizado artístico faz surgir experiências e vivências relacionadas aos acontecimentos do mundo à nossa volta, além do que faz com que construamos a nossa interioridade, nossos desejos, nossos limites, nossas ousadias e nossos medos, estabelecendo assim a principal ligação que as artes têm com o ser humano. Por isso, segundo Lois (2010, p. 83), quando incentivamos a leitura através da literatura “[...] estamos decidindo por investir na arte. Ou seja, optamos por priorizar e acreditar no potencial subjetivo de cada estudante e no texto artístico como um meio eficaz para garantir a formação do leitor”. Dessa maneira, a leitura vai alçando novos voos, pois na arte muitas linguagens são contempladas.

É preciso, ainda, levarmos em consideração que, nos dias atuais, é inconcebível a leitura horizontalizada – reprodução e transcrição - ao passo que precisamos de aulas e alunos que sejam capazes de criar e recriar, de maximizar o seu tempo livre e de integrar-se a uma comunidade reflexiva. Precisamos, a partir de projetos intervencionais, formar indivíduos que se percebam leitores proficientes e que possam exercer o papel de cidadãos livres e ativos na sociedade em que vivem fazendo uso da literatura como uma possibilidade múltipla de conversação e prazeres.

A partir da preparação e posterior realização do sarau enquanto atividade de intervenção prática, um dos objetivos que nos instigam é que essa proposta junte-se às outras que buscam alternativas para o ensino de literatura, porque acreditamos que ela, a literatura, deve circular na escola, pois urge formar um leitor sensível e crítico, que perceba o sentido do ritual, faça parte dele sem se submeter cegamente, porque devemos como docentes e pesquisadores propor mudanças de âmbito mais estruturais para as práticas educativas.

Estando em sua 6ª edição, certamente, em cada uma delas temos experiências incríveis do encontro com a leitura e com o conhecimento por parte dos nossos alunos e por nossa parte também quando, através da inovação, nos permitimos ir além dos livros didáticos e dos materiais pedagógicos que, em sua maioria, o ensino público oferece.

POR UMA CULTURA ANTIRRACISTA: A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA EM SALA DE AULA.

Estando inserida na proposta da III turma de Especialização em Etnias que, em certos momentos através dos objetivos de algumas disciplinas, busca estabelecer diálogos entre a história e a literatura, acabei me encontrando a partir da minha formação, num norte que me direciona para um trabalho exatamente pensado na vertente de um evento literário que, incumbindo-se aos temas transversais hoje trabalhados nas escolas- como é o caso do racismo- pode fazer essa ponte teórica entre história e literatura, seja ela relacionada à poesia, teatro ou música. Faz-se necessário, portanto, informarmos como se concebe a literatura afro brasileira lançando mão dessa desmitificação da literatura arcaica, racionalista e com aspectos

de embranquecimento, dando lugar a novas tendências em que a cultura, a história e a vida de um povo podem ser enfatizadas.

Decerto, as poesias que priorizam uma temática afro-brasileira ainda passam por um processo construtivo de conceitos e ideais, mas é possível afirmarmos que é através dessa prática literária que a imagem da pessoa negra vai perpassar os estereótipos formados na história folclórica em que o personagem negro era aquele que, não obstante, sempre foi apresentado à margem e com características capazes de relacioná-los e/ou identificá-los como as pessoas mais pobres da sociedade, ausentes de caráter, sem inteligência e dotado de malandragens. E é a partir dessa imagem que a escola deve se curvar, reconstruindo-a a fim de que nossas crianças não se cruzem com umas representações tão estereotipadas que causará vergonha, inaceitação e, por que não dizer, medo do autorreconhecimento.

Entretanto, podemos afirmar que só a partir da imposição de uso da Lei 10.639 é que a escola começou a priorizar literaturas afro-brasileiras, seja através de poemas, músicas ou obras infantis em seus currículos e planos de aula, principalmente, nas disciplinas de linguagens e que, desse modo, a literatura deva ser a ponte para que essa prática pedagógica ultrapasse o muro das salas de aula, ao passo que, na maioria das vezes, ações racistas surgem do berço familiar e, por assim pensar, um evento como o sarau literário levaria a reflexão não apenas ao alunado, mas, especialmente, a comunidade escolar de modo geral. Nesse sentido, aderimos ao pensamento de Gomes (1995), que concebe a escola como agente de luta contra os efeitos nocivos do preconceito racial. Para ela:

Os movimentos sociais, as lutas da comunidade negra exigem da escola posicionamento e a adoção de práticas pedagógicas que contribuam para a superação do racismo e da discriminação [...] é necessário uma formação político-pedagógica que subsidie um trabalho efetivo com a questão racial na instituição escolar. Boa vontade não basta (GOMES, 1995, p.188-189).

A escola pode se encarregar, assim, de discutir e promover reflexões em relação à superação de paradigmas e estereótipos que teimam em marginalizar o

povo negro frente à valorização de sua História, cultura e a disseminação de referências positivas que contribuam com a construção de sua identidade.

Reiteramos, ainda, que a proposta do sarau literário pode funcionar como reflexão social dessa inserção e que essas versões da linguagem como é o caso da literatura podem ser vistas como uma poderosa forma de expressão do mundo seja através da arte - fazendo relação entre ficção e realidade quando une o que o outro escreveu ao que estamos vivenciando em nosso cotidiano - seja como fonte de pesquisa- se pensarmos que, antes de reproduzir, devemos paulatinamente conhecer para termos propriedade naquilo que falamos, ao passo que, talvez, naquele evento, esteja havendo o primeiro contato de muitas pessoas com o mundo literário, ou seja, tudo aquilo que for reproduzido pode se tornar verdade absoluta para aqueles que estão ouvindo pela primeira vez e, certamente, não terão interesse de aprofundamento e novas buscas.

Um dos passos construtivos para organização do evento dar-se-á a partir do roteiro de apresentação, no qual selecionamos as obras que irão ser apresentadas em sala e suas possíveis contribuições reflexivas no momento da explanação. Para tanto, lançamos mão de grandes influências literárias que refletem sobre a vida do negro e o preconceito vivido por essa raça, como é o caso do poeta Castro Alves, popularmente intitulado poeta dos escravos, quando apresenta o poema “A canção dos escravos”, sendo esta uma belíssima reprodução da vida e do sofrimento desse povo que, exilado da sua terra- África- se encontra numa terra estranha- Brasil. Além de Castro Alves, muitos outros poetas e poetizas, embora ainda anônimos, foram cruciais na elaboração do cerimonial de apresentação, a exemplo de Ana Maria Machado e Valéria Belém com seus livros infantis “Menina bonita do Laço de Fita” e “O cabelo de Lelê, respectivamente; o poema “Me gritaram negra” de Victória Santa Cruz; “Sou negro” e “Conversa” de Solano Trindade, entre outros que possuem grandes contribuições para a interiorização dessa literatura afro.

No tocante a música, abre-se um leque de opções, metodologias e formas variadas de trabalho se levarmos em consideração que além de uma composição formulada a partir de um roteiro histórico, as formas de recepção e convivência com esse gênero é algo cotidiano e próximo de qualquer classe independente de sua condição intelectual, social e faixa etária. Nesse sentido, fizemos uso de algumas

composições bastante conhecidas pelo público presente, a exemplo da canção, “Protesto do Olodum”, “Ilê Pérola Negra” e “Brilho de Negro” além do “Canto das Três Raças” que é uma representação dessa diversidade pretendida por nós na execução desse sarau. Desse modo, não é preciso que o sujeito esteja inserido no âmbito escolar para que ele possa ter acesso à música e às mensagens sugeridas pela mesma, uma vez que [...] “a música está presente na vida de todos os seres humanos, e também na escola para dar vida ao ambiente escolar, além de despertar nos alunos o senso crítico para o que ouvem e como isso se reflete em sua vida” (ONGARO *apud* SILVA, 2006, p. 2).

Assim, convém ressaltar, que a escola deve ser esse espaço de transmissão de mensagens socialmente edificadas, bem como, deve se ocupar em promover a imaginação dos jovens para os que ouvem e que mensagem essa música lhes passará ainda que não a compreenda totalmente. Dito isto, podemos inferir que o sarau desta edição envolveu a maior parte dos alunos que, em outros eventos, não costumavam aparecer. Foi um misto de inclusão e de pertencimento, eles se sentiram em casa, eles estavam falando da sua cor, da cor da sua família, da cultura deles que muitas vezes é apagada no ambiente escolar. Foram 48 pessoas que participaram ativamente desse processo, subiram ao palco, mostraram o que tinha refletido em sala através da poesia, da música e levaram a mensagem para o público de tal maneira que a plateia passou a ser multiplicadora do que viu e ouviu.

Acreditamos, pois, que através dessa reflexão as barreiras possam ser ultrapassadas e que o negro artista ou o branco que valoriza essa história, além de apresentar-se como protagonista, imprima valores, emoções e desejos através da poesia. Por esse motivo, selecionamos o maior número de alunos negros para fazerem parte do elenco do sarau. Já que, segundo Hattnher (2009) não se pode, portanto, pensar a questão literária negra sem o respaldo da experiência histórica do negro. Contudo, os alunos brancos que desejaram participar, tiveram a oportunidade de colocar-se no lugar do outro e entendê-lo como personagem de uma história que resultou em cultura, já que, numa sociedade racista como a nossa, não adianta apenas não sermos racistas, devemos, sobretudo, sermos antirracistas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A organização, o planejamento e a execução do sarau trouxe à tona situações jamais ou dificilmente observadas antes em sala de aula se levarmos em consideração o público e os alunos que fizeram parte do elenco. Em eventos escolares, na maioria das vezes, os alunos que se interessam em participar são aqueles que mais se destacam pelos dons artísticos que dispõem. Entretanto, nesse sarau, conseguimos observar uma diferença em relação a isso, pois, a maior parte do alunado presente nunca tinha participado de um evento cultural nesse porte, assim como nunca tinha feito uso da palavra, com um microfone, e para um público com o qual eles não tinham total contato. Outro fator preponderante na avaliação do evento foi o reconhecimento da instituição perante a sociedade- prefeito, secretários, vereadores, pais de alunos, e comunidade escolar em geral puderam observar que aquele momento foi crucial para que situações outrora trabalhadas em sala não ficassem apenas nos muros da escola propiciando a todos uma experiência ímpar de vivenciar a poesia através do tema racismo. E foi a partir disso que houve uma possibilidade de valorização da pessoa negra, desmistificando estereótipos anteriormente firmados numa tentativa de reconhecê-los como seres capazes de contribuir com a crença, a gastronomia, a cultura de modo geral e a beleza, por assim dizer, de uma nação inteira que historicamente se diz miscigenada.

Para tanto, e já tendo em mãos um resultado tão brilhante de inclusão e promoção de uma cultura antirracista que julgamos ser inconcebível, nos dias atuais, uma leitura horizontalizada – reprodução e transcrição – precisamos, no entanto, de aulas e alunos que sejam capazes de criar e recriar, de maximizar o seu tempo livre e de integrar-se a uma comunidade reflexiva. Precisamos formar indivíduos que reflitam para além das propostas pedagógicas e avaliativas mas que, sobretudo, concebam a escola como uma incentivadora do pensamento, da ação e de instruir seu alunado para que possam exercer o papel de cidadãos livres e ativos na sociedade em que vivem fazendo uso da literatura como uma possibilidade múltipla de conversação e prazeres, além de, principalmente, gerar uma estratégia de inclusão e pertencimento. Consoante Cosson (2006), cabe à literatura “[...] tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas”

Por pensarmos nesses aspectos inclusivos na construção de uma cultura antirracista nas nossas escolas, é que entendemos que a literatura afro-brasileira, para além de uma obrigação, deve ser conservada em sala de aula como uma manifestação cultural que mesmo nos tempos de sofrimento, aprisionamentos e imposições era mantida pelo povo negro. Destarte, destaca Santos (2013),

Há anos os afrodescendentes buscam seu espaço na cultura e na literatura no Brasil. Não podemos abdicar de um legado que faz parte da história deste país e que em meios às paredes das senzalas, à escuridão do porão e nos campos das fazendas nossos negros africanos nunca deixaram morrer a arte de suas raízes. (SANTOS, 2013, p. 80).

É possível afirmarmos, entretanto, que mesmo com a imposição da Lei 10.639, muitos professores ainda encontram barreiras para explorá-la nas salas de aula, visto que, o preconceito ainda está arraigado e o autorreconhecimento como pessoa negra encontra-se um pouco distante do nosso alunado. Além do que, a política de embranquecimento está bastante presente em nossa sociedade fazendo com que, cada vez mais, as pessoas envergonhem-se de dizer que são negras e expressar orgulho no momento da fala. Cabe, desse modo, que como professores, independente da área de atuação, aproveitemos a história do nosso país como fonte de inserção cultural desses jovens por meio da literatura. E como professora de português, repito, vejo essa possibilidade manifestada através do sarau literário em que a contextualização se torna majestosa, eficaz e cheia de significações futuras à proporção que a cada leitura de poesia- aqui destacamos o poema “Eu sou a menina que nasceu sem cor” da poetiza Midria- e apresentação musical, intrinsecamente, estará também explicitada a luta pela igualdade racial.

Foi a partir dessa contextualização que observamos quanto esse evento foi valioso para que, além do alunado- que já é com quem trabalhamos em sala de aula- a comunidade escolar- enfatiza-se direção, professores, funcionários, pais e alunos- puderam participar, refletir e contribuir como multiplicadores da temática. Em uma entrevista informal pós-evento, colhemos alguns comentários relevantes para nossa análise, visto que, uma das alunas que se apresentou é limitada nos princípios básicos

da leitura e escrita mas mesmo assim participou do evento declamando poesia. (Com essa aluna, usamos a estratégia oral, no qual, como professora gravei o poema em áudio no celular e com a escuta ela decorou e declamou o mesmo). Os outros professores presentes emocionaram-se com aquela cena pois conheciam as limitações da aluna mas perceberam, sobretudo, que ela não poderia permanecer à margem, até no espaço escolar, por causa desse fator. Vale salientar que nossa pretensão, não de maneira gratuita, foi trazer esse tipo de aluno que, na maioria das vezes, se esconde por trás da cor e faz dela empecilho para não participar dos eventos escolares, não como mero receptor, mas como protagonista, ator, estrela. Logo, escolhemos para fazer parte do elenco alunos negros que, por assim serem, deixaram o texto com uma originalidade maior e que, no dia do evento, nos surpreenderam mostrando sua cor, de onde vinha, seus traços.

Outro fator que merece destaque foi a receptividade das famílias- elas foram convidadas- e viram seus filhos negros, pobres, envergonhados, vestirem a melhor roupa que lhes eram possível, se apresentarem num evento formal no qual a sociedade estava presente e aplaudiu de pé todas as apresentações. Foi um misto de orgulho, reconhecimento e valorização da cultura negra.

Assim, na organização do texto, construímos uma estratégia que priorizava o povo negro desde a sua história às lutas e conquistas. Desse modo, convidamos todos os alunos participantes do sarau para subirem ao palco acompanhados da música “Brilho de Negro” para receberem os aplausos da plateia presente que, euforicamente, os parabenizavam e valorizavam aquele trabalho tão reflexivo. Acredito ter sido o momento ápice do evento, no qual, nossos alunos puderam se sentir importantes, valorizados e é nesse sentido que notamos a literatura se tornar majestosa, capaz de incluir nosso alunado num processo de leitura, escrita e reflexão de sua vida, do que foi preciso seus antepassados conquistarem para viver num mundo igualitário e o que eles, ainda hoje, vivenciam na escola e na sociedade em geral mesmo quando falamos que o racismo é crime e lidar com o preconceito é algo tão recorrente. Foi um momento de confraternização. Eles se sentiram estrelas, eles eram importantes, iguais.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidência da República. Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acesso em 17/09/2018.

CERIMONIAL “Por uma Cultura Antirracista: Recorte de poesia e música na sala de aula”, 2018.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na Escola**. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: Uma proposta para sala de aula**. UNIVESP, 2016.

DALVI, *et all*. **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.
EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: Uma introdução**. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ECO, Umberto. **A obra aberta**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FREIRE, Paulo. Uma entrevista polifônica e virtual com Paulo Freire. In: MILREU, Isis; RODRIGUES, Márcia Candeia. (orgs.). **Ensino de Língua e Literatura: políticas, práticas e projetos**. Campina Grande: Bagagem/UFCG, 2012, p.262.

GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto: o processo de construção da identidade racial de professoras negras**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

HATTNER, Álvaro. **A poesia negra na literatura afro-brasileira: Exercícios de definição e algumas possibilidades de investigação**. Terra roxa e outras terras- Revista de estudos literários, vol. 17-A, dezembro de 2009.

ISER, Wolfgang. “Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional”. IN: LIMA, Luiz Costa (org.). **Teoria da Literatura em suas fontes**. Vol.2., 3. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à literatura literária**. São Paulo: Ática, 1994.

LOIS, L. **Teoria e prática da formação do leitor: leitura e literatura na sala de aula**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

ONGARO, Carina de Faveri, SILVA, Cristiane de Souza e RICCI, Sandra Mara. A importância da música na aprendizagem. Disponível em: <http://www.alexandracaracol.com/Ficheiros/music.pdf>. Acesso em: 10/03/2018.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Trad. por Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

PETIT, Michèle. ***Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva***. Tradução Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.

RANKE, M.; MAGALHÃES, H. Breves considerações sobre fruição literária na escola. *Entreletras – Revista do Mestrado em Ensino de Língua e Literatura da UFT*, v. 3, p. 47- 61, 2011.

SANTOS, Margareth Maura. A Cultura e a Literatura Afro-Brasileira em sala de aula. *Revista Magistro*, p. 80. 2013.

SOUZA, S.E. O uso de recursos didáticos no ensino escolar. I Encontro de Pesquisa em Educação. *Arq. Mudi*, 11 (Supl.2), p. 10-4, 2007.

UNIÃO MARISTA DO BRASIL – UMBRASIL: Matrizes curriculares de educação básica do Brasil Marista: área de linguagens, códigos e suas tecnologias / [organizador] União Marista do Brasil. – Curitiba: PUCPress, 2016.

ZILBERMAN, R. Literatura, escola e leitura. In: SANTOS, J. F.; OLIVEIRA, L. E. (Org.). ***Literatura & ensino***. Maceió: EDUFAL, 2008. p. 45-60.